

**JOÃO
QUEIROZ**

Projecto de exposições (2006-2008)

Miguel Wandschneider (Culturgest)

Coordenação

Miguel Wandschneider (Culturgest)

Gabinete de Comunicação e Imagem (Fidelidade Mundial)

Curador

Ricardo Nicolau

Coordenação de produção e de montagem

António Sequeira Lopes (Culturgest)

Montagem

Fernando Teixeira

Heitor Fonseca

Ana Branco

André Lemos

Carpintaria

PREFORMA – Projectos e Exposições, Ld.^a

Catálogo**Texto**

Ricardo Nicolau

Desenho

Pedro Falcão

Proporção

[A5] – 14,85 x 21 cm

Tipo de letra

Akkurat

Fotografias

Laura Castro Caldas / Paulo Cintra

Coordenação editorial

Rosário Sousa Machado (Culturgest)

Revisão de provas

am edições / antónio alves martins

Impressão e acabamento

Gráfica Maiadouro

Tiragem

1000 exemplares

© 2007

João Queiroz, Ricardo Nicolau

os fotografos / Fidelidade Mundial

ISBN

978-972-769-045-9

CHIADO 8 – ARTE CONTEMPORÂNEA

Largo do Chiado, 8 / 1249-125 lisboa

T 213 237 335 / www.fidelidademundial.pt

Chiado 8 – Arte Contemporânea, inaugurado em Janeiro de 2002, é um projecto da Companhia de Seguros Fidelidade Mundial, que, aproveitando a localização privilegiada de um dos seus edifícios centrais, decidiu participar nas iniciativas de reabilitação do Chiado através da criação de um espaço de divulgação da arte contemporânea.

João Queiroz não é um artista difícil de identificar. Está muito longe de ser camaleónico, em termos estilísticos. Não acredita que a função do artista tenha obrigatoriamente de passar pela adequação de matérias a ideias, cada ideia supondo uma solução formal tão singular quanto possível, cada projecto devendo recorrer a novas técnicas, novos materiais; em última análise, é a antítese do artista-de-projecto: aquele que tem sempre novas ideias, que apresenta constantemente soluções inéditas. Estas são constatações que não parecem, à partida, singularizar demasiado o seu trabalho. Como parecem não exigir cauções. Isto se não se tivesse generalizado a ideia de que pertence ao artista aberto à diversidade e a trabalhar em múltiplos *media*, ao artista-de-projecto, o monopólio das respostas à actual saturação de imagens e de informação que caracteriza a maioria dos nossos regimes visuais e que patrocina uma recepção acelerada da realidade e um crescente atrofiamento da atenção. Reivindicar, para um pintor atento às especificidades da sua prática – ainda para mais, como veremos, com metodologias tão sistemáticas como João Queiroz –, uma atitude reflexiva (pensar nos porquês de transformar coisas em imagens), uma extrema atenção às imagens que não são produzidas no mundo da arte, uma criação de modos de ver que responde a regimes visuais iminentemente contemporâneos, parece exigir explicações. Como se, apesar de todas as excomunhões que decretaram a sua debilidade, a pintura ainda estivesse condenada a hastear as bandeiras do ensimesmamento e da essencialidade. A verdade é que para João Queiroz aquela prática deve, pelo menos idealmente, estar muito longe de prescrições, ideias de autoridade ou de propriedade. É um instrumento que, nas suas palavras, cria “novas sensibilidades”, permitindo-nos entender outros territórios que não o da arte. Não é por acaso, afirmam vários dos críticos que já escreveram sobre o seu trabalho, que o artista elegeu como campo de acção a paisagem, termo que o próprio só aceita com muitas reservas: isto terá acontecido, entre outros motivos recorrentemente enumerados (por ser um não-tema, um campo inofensivo para o seu próprio exercício, justificação para a própria prática da pintura), porque lhe interessou desrespeitar o estabelecimento das categorias e das hierarquias que sempre orientaram não só aquele género histórico mas toda a nossa relação com a natureza e, mais genericamente, com a ideia de alteridade, fortemente associada à ideia de subjugação. Se quisermos,

talvez por isso, e contra todas as expectativas, a sua prática artística já tenha sido apresentada como iminentemente política: porque a paisagem é em João Queiroz perfeito álibi para reivindicar uma relação com o Outro que restaure a atenção, a concentração, e que demita a imposição, a possessão e a tirania.

O seu método de trabalho, que já descreveu em várias entrevistas, é sistemático, perseverante, quase teimoso. Consiste em três fases: o desenho feito directamente na natureza, a pintura a aguarela já sem a presença do motivo, mais tarde a composição de quadros que testemunham ainda de forma mais aguda o progressivo afastamento em relação a quaisquer referentes. Note-se, porém, que mesmo os primeiros desenhos não se baseiam numa relação estritamente visual com a paisagem, muito menos numa obediência aos códigos que enformam o registo da natureza ou às hierarquias que condicionam a visão. “Com o meu olhar, não quero compreender nada, organizar nada, dispor de nada, catalogar nada”, afirma o artista. Eles são fruto daquilo a que ele chama um “memorizar físico”, para o qual concorrem experiências iminentemente fenomenológicas, cinestésicas mais do que apenas visuais (consciência do alto e do baixo, da direita e da esquerda, do à frente e do atrás) – e a fenomenologia já nos terá explicado que um corpo é aquilo que executa, que o movimento é condição para a sua existência fenomenal. Desta forma, o espelho da sua relação com a natureza, com as coisas, diverge da contemplação: implica motricidade, a consciência do corpo. Impede sumários rápidos através de um ponto de vista único. Desconstrange as percepções espaciais; torna-as mais articuladas, mais conscientes.

Expor no Espaço Chiado 8, como agora se propõe, uma série muito extensa (trinta e cinco) de aguarelas de pequeno formato é uma oportunidade para sublinhar a relevância do processo de trabalho de João Queiroz, o seu temperamento conceptual, mas não as deve impor como subsidiárias da sua pintura. Não se trata aqui de ilustração ou generosidade pedagógica. Autonomizá-las aponta uma geografia nodal para todo o seu trabalho: aquela em que, mesmo tirando partido de especificidades, com raros virtuosismo e domínio do *métier* – e note-se que a aguarela é uma técnica que admite poucas variações na sua aplicação –, se consegue afastar de constrangimentos disciplinares. Queiroz é assumidamente um pintor, como parece respeitar todas as regras da aguarela, mas isso não o impede, já lá iremos, de almejar que os objectos que produz não se limitem a ser “coisas em si mesmas”, que se subordinem à confirmação de categorias preexistentes e de velhas formas de ver e dominar o mundo. Mas comecemos pelas especificidades da aguarela. O seu princípio baseia-se

na transparência dos tons. Isto significa que na aguarela a pincelada tem de ser rápida e definitiva, visto não admitir retoques. Subentende um grau de performatividade, enquanto estado de aturada concentração e de consciência do corpo, que convoca a arte caligráfica, a japonesa concretamente: já alguém afirmou que um dos maiores obstáculos daquela escrita consiste na imposição de pensar apenas na palavra que sairá da ponta do instrumento, esquecendo o que se quer descrever.

Para os japoneses, a essência da escrita é um gesto, mais do que uma forma, ou uma mensagem. No Ocidente empenhámo-nos tanto em substituir o império do gesto pelo da palavra, que assistimos a um certo desaparecimento do corpo. As aguarelas de João Queiroz não são, longe disso, uma forma de caligrafia, mas comungam dessa convicção de que se traça e se pinta com o corpo, de que um traço e uma mancha são acções tornadas visíveis. Os seus gestos, concentrados e rápidos, são o suplemento de um acto – se encararmos este último como refém da obtenção de um particular resultado. Interessa-lhe tanto o processo, tudo o que rodeia o acto, que ao olhar para os seus trabalhos executados de uma forma mais imediata, nomeadamente estas aguarelas, conseguimos perceber exactamente o que o artista quer dizer com uma frase que já repetiu várias vezes: “Pinto com o corpo.” Lembro-me de o João Queiroz me descrever entusiasmadamente uma refeição de caracóis que partilhou em tempos com um japonês de visita a Lisboa. Fascinou-lhe na altura a concentração e o rigor colocados nos seus gestos, a compressão da mímica, e o absurdo que foi vê-lo, depois daquela contenção elegante, imitar desajeitadamente a forma como nós nos livramos das cascas daqueles moluscos. Vem esta anedota a propósito não só da corporalização do olhar, que atravessa todo o seu trabalho, mas principalmente da exigência de atenção que promove e que corresponde ao impulso ético de “motivar para a visão”. Um dos principais fascínios da sua prática reside na manifestação de um paradoxo: tem uma dimensão prática, relacionada com o mundo-lá-fora e com uma indesmentível dimensão ética, ao mesmo tempo que estabelece constantemente mecânicas de especificidade, dificilmente encontrando plena fundamentação num discurso extrapintura. É, para sermos rigorosos, a articulação exemplar de uma aporia.

João Queiroz questiona a representação sem ser abstracto, não simula nem imita, mas também não se afasta do natural. Um exemplo é a utilização que faz da cor. A sua aplicação é intuitiva – Queiroz não pinta uma observação visual, e a cor serve, como já referiu, “a distribuição de intensidades presentes no quadro”. Também não

pretende ser ostensivamente antinaturalista. Não quer tornar irreconhecível a referência à paisagem, alinhar na retórica da destruição, ou pior, da desconstrução. Parece pretender atingir um ponto em que uma imagem não nos é exactamente familiar, mas também não nos agride, ou paralisa. Não faz antipaisagens, antes tirando inteligentemente partido de um assunto com uma história herdada, bem estabelecida, que parece não poder recusar a representação. João Queiroz aplica-se na procura do ponto geométrico em que a sua pintura, sem imitar elementos, convoca inequivocamente a paisagem, mas na medida em que espelhe a sua convicção de que a natureza resiste a deixar-se dominar, a ser completamente coisificada. No fundo, um ponto em que uma imagem, apesar de reconhecível, já não é mera expressão de um código.

Sem título, 2006-2007
Aquarela e guache sobre papel
21 × 29,7 cm (aproximadamente)



















João Queiroz nasceu em Lisboa, em 1957. Vive e trabalha em Lisboa. Licenciou-se em Filosofia, em 1984, pela Faculdade de Letras de Lisboa. Foi docente de Desenho, Pintura e Teoria de Arte no Ar.Co, entre 1989 e 2001. Realizou numerosas exposições individuais: *Malerei, João Queiroz*, Katholische Hochschulgemeinde, Viena, Áustria (1985); *Pintura*, Galeria Monumental, Lisboa (1986, 1988); *Pinturas Recentes*, Galeria Monumental / / Bertrand, Lisboa (1989); *Por Contiguidade e Semelhança*, Galeria Palmira Suso, Lisboa (1991); *Pintura e Desenho*, Galeria Porta 33, Funchal (1994); *Refluxos Feitos pelo Pescoço de Um Pato Meio Afogado*, Boqueirão da Praia da Galé, Lisboa (1996); *10 Anos de Desenho*, Assírio & Alvim, Lisboa (1997); *Pintura e Desenho*, Galeria Paula Fampa, Braga (1998); *Pintura*, Galeria Módulo, Porto (1999); *O Ecrã no Peito*, Centro de Artes, Caldas da Rainha (1999); *Pintura*, Galeria Módulo, Lisboa (1999); *Articulação e Pele*, Porta 33, Funchal (2000); *Liber Studiorum*, Sala Jorge Vieira, Parque das Nações, Lisboa (2001); *Pintura*, Galeria Presença, Porto (2001); *Le Besoin du Noble. Modo Menor. Silvæ*, Lisboa 20 Arte Contemporânea, Lisboa (2003); *Pintura*, Galeria AH-Arte contemporânea, Viseu (2003); *Pintura*, Porta 33, Funchal (2004); *Pintura*, Galeria Quadrado Azul, Porto (2005); *Pintura*, Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2006). Participou em numerosas exposições colectivas desde 1981, nomeadamente: *Novas Tendências do Desenho*, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa (1986); *Auto-Retrato*, Galeria Monumental, Lisboa (1986); *Para Acender a Noite*, Galeria Monumental, Lisboa (1988); *Insular é o México*, Galeria Monumental, Lisboa (1989); *Sete Pecados Capitais*, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa (1989); *Bildloses Abbild, Arte Contemporânea Portuguesa*, Galerie der Sparkasse Gütersloh, Gütersloh, Alemanha (1996); Simpósio Internacional de Desenho, Feital, Trancoso (1998); *Ein Leuchtturm ist ein traurige und glücklicher Ort*, Akademie der Künste, Berlim; *Paisagens no Singular*, Museu de José Malhoa, Caldas da Rainha / / exposição itinerante (1999); *Colecção António Cachola. Arte Portuguesa, Anos 80-90*, MEIAC, Badajoz, Espanha (1999); *Um Oceano Inteiro para Nadar*, Culturgest, Lisboa (2000); *O Génio do Olhar: Desenho como Disciplina 1991-1999*, Museu de Aveiro, Aveiro, e Museu de Arte Moderna do Funchal, Funchal (2000); *EDP.arte, Prémio EDP*, Palácio da Ajuda, Lisboa (2000); *Continuare*, Bienal da Maia, Maia (2003); *...Et puis voilà*, Galeria AH-Arte contemporânea, Viseu (2003). Recebeu o Prémio *EDP.arte*, Prémio Desenho, Lisboa (2000). Está representado em diversas colecções públicas e privadas, nomeadamente: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa; Fundação EDP, Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Lisboa; Ar.Co, Centro de Arte e Comunicação Visual, Lisboa; Colecção António Cachola, Campo Maior; Colecção MEIAC, Badajoz; Museu de Arte Moderna, Funchal.